



O VALOR E A REPRESENTAÇÃO DO AMBIENTE: UMA ANÁLISE FUNDAMENTADA EM FRAGMENTOS DE HISTÓRIA DE VIDA.

Rafael Nunes Braga - UNISUL
Fátima Elisabeti Marcomin - UNISUL
Artigo 171 – FUMDES – SED – SC

Resumo: O trabalho é um recorte de uma pesquisa que trata da percepção ambiental dos professores atuantes nas escolas que se localizam nas proximidades do “Rio Morto” – Tubarão – Santa Catarina, e residentes nessa área. No presente caso são abordados valores atribuídos ao rio pelos professores assim como a representação do ambiente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico (MOREIRA, 2004), em que foram entrevistados cinco professoras de ensino fundamental da rede pública de ensino. Os dados categorizados com base em Moraes (2005), considerando aspectos levantados por Sauvé (1995) e Hart (2005) e discuti fragmentos de suas histórias. Dentre os resultados predominou a não existência de valor atribuído ao rio atualmente, mas as entrevistadas afirmam que no passado valores como cultural, ambiental, social e econômico existiram. Quanto   representac o do ambiente, “Rio Morto”, houve a predom ncia do rio como recurso.

Palavras-chave: Percep o Ambiental; História de vida, Educa o Ambiental.

INTRODU O

O “Rio Morto”, localizado na cidade de Tubarão – SC, como tantos outros recursos hídricos, possui importância de diversas ordens: social, econ mica e cultural. Por integrar parte da história de vida dos moradores ribeirinhos, embora muitos façam uso dele como rede de esgoto para o lançamento de seus efluentes domiciliares,   um recurso que participa das atividades de rizicultura, contribuindo, sobremaneira, para a consolida o de tal atividade;   também um elemento natural que integrador da paisagem.

Face   realidade de degrada o que esse recurso hídrico se encontra,   indispensável estabelecer alternativas para a recupera o ambiental dessa  rea. Nesse sentido desenvolver a sensibiliza o dos moradores para a recupera o desse corpo d’água parece ser o primeiro passo. Sob essa perspectiva, considera-se fundamental a participa o das comunidades escolares limítrofes desse rio nesse processo sensibilizador. Para tanto, analisar a percep o ambiental de professores que vivem e trabalham na área limítrofe ao “Rio Morto” constitui-se pré-requisito para esse trabalho de sensibiliza o, já que o modo de perceberem o ambiente pode contribuir sobre os processos educativos escolarizados e para o desenvolvimento de

futuros programas de recuperação ambiental da área, permitindo, desse modo, a melhoria da qualidade das águas e de vida das comunidades.

Autores como Sato (2004); Guimarães (2006), Sauvé (2005) reconhecem o conhecimento da percep o do indivíduo acerca do ambiente como de vital importância para o desenvolvimento de processos sensibilizadores, já que repercutem sobre o modo de atua o do ser humano.

Nessa dire o, a presente pesquisa parte do estudo da percep o ambiental por consider -la fundamental ao desencadeamento de processos formativos na área da Educa o Ambiental em comunidades escolares e seu entorno averiguando o valor e a representa o do ambiente “Rio Morto”, pelos professores.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O “Rio Morto” está situado no município de Tubarão – SC, sendo este último localizado na região sul do estado de Santa Catarina (PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO, 2010).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2004), de caráter fenomenológica (MOREIRA, 2004). Para a coleta de dados foi utilizado entrevistas semi-estruturadas, de acordo com Moreira (2004) e Boni e Quaresma (2005).

A análise foi efetuada a partir de fragmentos das histórias de professoras atuantes em escolas limítrofes ao “Rio Morto” e que também são moradoras dessas comunidades. A identifica o de categorias emergentes pautou-se em Moraes (2005), observando-se aspectos levantados por Sauvé (1995), Hart (2005).

Neinman (2008) Moreira (2004), Teixeira (2003), Kramer e Souza (1996), Minayo (1996), Thompson (1992), dentre outros, relatam a contribui o da utiliza o das histórias das pessoas nas investiga es sociais.

Para analisar a história dessas professoras, foram criados critérios de identifica o, e esses distribuidos ao longo de indicadores .

Nesse trabalho são considerados dois indicadores dentre os demais estabelecidos. **O Indicador de Importância / Valor atribuído ao rio:** que compreende o valor que a pessoa atribui ao rio, como valor cultural, ambiental, social, econômico, emocional, valor como recurso no ambiente de trabalho. Abrange dois momentos: o atual e o passado; **O Indicador de representa o do Ambiente:** a partir de adapta es de Sauvé (2005, 1996), identificou-se

como a pessoa percebe/reconhece o ambiente: como natureza a ser preservada; como recurso; como problema ou como projeto social.

A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Quanto ao perfil dos professores (Quadro 1), observou-se que: a E5 é a única que nasceu e permanece na comunidade. As entrevistadas E3 e E4 não residem na comunidade onde nasceram, mas continuam residindo em uma comunidade que é cortada pelo “Rio Morto”. Com exceção das E2 e E4, as demais são pedagogas e todas trabalham com os anos iniciais do ensino fundamental.

| Sujeitos Entrevistados | Idade | Naturalidade | Graduação | Nível de Escolaridade em que atua | Tempo que reside na comunidade |
|------------------------|-------|--------------|------------|-----------------------------------|--------------------------------|
| E1 | 42 | Tubarão | Pedagogia | Anos Iniciais do E.F. | 30 anos |
| E2 | 41 | Tubarão | Ed. Física | Anos Iniciais do E.F. | 23 anos |
| E3 | 45 | Tubarão | Pedagogia | Anos Iniciais do E.F. | 45 anos |
| E4 | 48 | Tubarão | História | Anos Finais do E.F. | 10 anos ¹ |
| E5 | 40 | Tubarão | Pedagogia | Anos Iniciais do E.F. | 40 anos |

Quadro 1: Perfil dos Professores. Adaptado de MORALES (2009), para essa pesquisa.

FONTE: Dados da Pesquisa.

Quanto aos indicadores e parâmetros elencados, procede-se a análise fundamentada das entrevistas logo abaixo.

VALOR ATRIBUÍDO AO RIO

Com o intuito de identificar o valor atribuído ao “Rio Morto” pelos sujeitos entrevistados, elencou-se as categorias de valor cultural, ambiental², social, econômico, sem

¹ A entrevistada número 4 mora a 10 anos nessa comunidade, porém a mesma nasceu e morou os outros anos de sua vida em uma comunidade também cortada pelo “Rio Morto”.

² A importância/valor ambiental: aqui compreendido como decorrente da importância ecológica que o rio e seu entorno representam para o ecossistema local.

valor, trabalho, emocional. Indagou-se para valores atribuídos atualmente (Quadro 2) e valores atribuídos no passado (Quadro 3).

Percebe-se que quando questionadas sobre o valor atribuído atualmente ao rio, valores de diversas ordens (cultural, ambiental, social, econômico, emocional) poderão ou ser elencados por uma mesma entrevistada. Contudo, também é importante considerar aquelas que afirmam que o rio não possui valor algum.

| Entrevistado | Parâmetro 1 A | | | | | | |
|--------------|-----------------------------------|-----------|--------|-----------|-----------|----------|-----------|
| | Valores atribuídos ao Rio (atual) | | | | | | |
| | Cultural | Ambiental | Social | Econômico | Sem Valor | Trabalho | Emocional |
| 01 | | | | | X | | X |
| 02 | X | X | X | X | | | |
| 03 | | | | | X | | |
| 04 | | | | | X | | X |
| 05 | X | X | X | X | | | X |

Quadro 2: Valores atribuídos ao rio (atual).

Fonte: Dados da Pesquisa

Na fala da entrevistada 01 é perceptível certa confusão quanto ao valor atribuído ao rio, pois em algumas passagens da entrevista, existem afirmações que caracteriza o que pensa em relação ao o valor atual atribuído ao rio: “... Não tem não, não tem. Acredito que não tenha, econômico pra mim, diretamente, nenhum, pelo menos pelo que eu vejo, diretamente, nenhum. Se eu pudesse pescar, se eu fosse um pescador, me faria mais falta, não é verdade? Porém, ela retrata o valor emocional atribuído em função das histórias contadas pelo marido: “[...] Emocional, esse rio me traz lembranças, não lembranças minhas, mas lembranças do meu esposo, que morava próximo ao rio, e ele mesmo lembra que nadava no rio, ele sempre fala. Cada vez que me refiro ao rio ele começa a lembrar da ponte do Andrino, então existem boas lembranças”.

De acordo com Hammes (2004), a percepção é um processo cognitivo de interpretação de informação presentes no ambiente próximo ao indivíduo. Logo, as informações dos familiares e sua interpretação passam a influenciar também a percepção dos envolvidos nessa pesquisa.

Além disso, a percepção se relaciona diretamente com a memória. Tanto a percepção imediata quanto os detalhes retidos na memória são responsáveis pela construção

das imagens de tudo que nos cercam, logo, a ligação efetiva que elas mantêm com o meio depende dos sentidos que foram impressos em sua memória (MARIN; OLIVEIRA; COMAR, 2003).

A memória é essencial para gerar a história ou relato de vida; história essa de uma pessoa ou de um lugar. Através das recordações de coisas vistas e ouvidas a memória reconstitui, reinterpreta e preserva os sucessos, as experiências e as relações com as individualidades do passado (MASSOLO, 1992, apud MAROTTI e SANTOS, 2001).

De acordo com Marin, Oliveira e Comar (2003), é a partir da interação do ser humano com o ambiente que a memória de construção estabelece seu modo de vida e seu comportamento no ambiente.

Logo, existe um valor emocional devido à história do marido, já que ele sempre morou próximo ao rio. Talvez isso aconteça pelo saudosismo com que ele trata o “Rio Morto” o que leva a E1 a fazer referência ao mesmo. Nesse caso, a memória do marido acerca do rio influencia a percepção dessa entrevistada.

Desse modo, ao que parece, um maior contato ao longo da vida de uma pessoa com os ambientes naturais, desperta maior sensibilização para com as questões ambientais. Poder-se-ia questionar então: as pessoas que nasceram e convivem há mais tempo com um determinado ambiente possuem uma relação mais amorosa com esse ambiente, ou depende de cada indivíduo?

A percepção é compreensível a partir do entendimento da sensação (NÓBREGA, 2008, p. 142). As sensações são compreendidas em movimento: “A cor, antes de ser vista, anuncia-se então pela experiência de certa atitude de corpo que só convém a ela com determinada precisão” (MERLEAU PONTY, 1994, p. 284).

A E1, como é possível perceber, é bastante influenciada pela história de vida do esposo. Ela retrata que existe um valor emocional atual devido às lembranças do esposo, é um valor atribuído pelo que o rio representa para ele. Parece, nesse caso, também estar afetada pela sensação causada no marido.

De todo modo, a influência do esposo sobre ela é perceptível, já que a percepção e a relação dele com o rio a levou a falar dele. Se não existisse a presença do marido, como sujeito dessa história, esse valor não teria emergido. Daí a importância da sensibilização ambiental poder influenciar no modo das pessoas perceberem o ambiente, já que as pessoas também afetam e sensibilizam umas às outras.

Ao longo da entrevista a E1 tece um largo argumento sobre a relação que gostaria de estabelecer com o rio: “[...] *Eu gostaria de poder a hora que quisesse, eu adoro água, e*

minha paixão é a água, eu gostaria de poder caminhar próximo à água. Ficar na beira de um rio, porque é gostoso, vocês já fizeram isso? É bom demais, gostaria de não precisar ir tão longe. Eu hoje, quando quero ir à beira do rio, mais próximo à água, sentir, ouvir normalmente eu vou à praia, mas se tivesse um rio limpo, bonito um rio mais saudável, uma graminha, talvez eu pudesse me sentar ali, bater um papo, conversar com meus filhos, porque eu sei que é uma perda pra mim, pra geração que vem aí, porque é uma perda para mim também. Eu não cheguei a conhecer o rio bonito como meu marido fala, mas tu imaginas as gerações que vêm aí, meu filho quando crescer [...]” (E1).

Já para a entrevistada 2, o vínculo afetivo existe e o seu valor se dá para toda a comunidade: “... *Eu gosto dele. Eu acho assim, ele é muito importante, até pra comunidade, a comunidade deveria preservar mais isso, parar de fazer isso, botar esgoto, eu acredito que esse rio tem muita importância para a comunidade, só que às vezes a comunidade não se dá conta disso” (E2).*

Na análise feita por essa entrevistada, o valor atual atribuído ao rio vai além do que este representa para ela, extrapola a característica individualista e passa para uma análise do coletivo, da comunidade. O rio é visto como elemento de importância para o coletivo. Essa concepção é extremamente importante quando se pretende desenvolver projetos de intervenção em Educação Ambiental. Pois a noção de coletividade de bem comum, é de suma importância para o exercício pleno da cidadania.

Já a entrevistada 3 vai de encontro ao relatado pela entrevistada 1, assume que o rio não possui valor e argumenta: “... *As pessoas não podem mais utilizar-se dele, nem pra beber água, que a gente até consumia água, nem pra beber mais. Além do poço, a gente usava pra tomar banho era utilizado e hoje não”.* A entrevistada 03, sempre esteve em contato com o rio, já que nasceu ali, contudo não consegue valorá-lo, relacionando isso a aspectos naturais e afetivos. Ao contrário, a entrevistada retrata que ele não possui mais valor porque não pode mais ser utilizado. Fica novamente explícita a relação de uso do recurso (SAUVÉ, 1996), uma valorização pelo que traz de benefício ao ser humano, logo uma visão Antropocentrista (REIGOTA, 1995) e Utilitarista (TAMAIIO, 2002)

A E4 também não atribui valor ao rio, porém, ao justificar, o faz com uma visão de natureza como problema (SAUVÉ, 1996) “... *Não existe não nenhuma, nem dá pra chegar perto, no verão o mau cheiro [...] tu vais sentindo, eles, acho que eles não sentem porque já tão acostumados, mas quando chega final de tarde, quando tu vais lá, tu sentes o cheiro, fora o mosquito, que das 6 horas em diante, é terrível”.*

O rio, para os indivíduos 3 e 4, perdeu o valor a partir do momento em que esse

“deixou” de ser “limpo”, e “deixou”, em parte, de servir a população. Considera-se em parte, porque o rio atualmente ainda é utilizado para a rizicultura.

Percebe-se que a valoração, visando atender as necessidades humanas, é premente; caracterizando uma relação e visão antropocentrista (REIGOTA, 1995) e utilitarista (TAMAIIO, 2002).

A entrevistada 05 expressa em sua fala, apesar da situação de degradação do rio, que existe sim uma relação e uma valoração, pois ele é identidade, cultura. O mesmo identifica a comunidade. Então vê o rio como identidade de uma comunidade: *Hoje... A não ser assim, o meu pai cria gado, então ele puxa água do rio pro gado, ele fez uma fonte, então tem uma ligação... O rio faz parte da nossa história, valor cultural, o rio identifica a nossa comunidade... Então, assim, é lamentável o estado que ele está hoje, mas o rio tem toda uma história que faz parte da nossa história... E hoje ele representa bastante coisa, assim, como faz parte da nossa vida... Histórias, quantas histórias nós temos assim engraçadas e tristes referentes a esse rio, de pessoas que caíram no rio, que facilmente foi tirado... Eu acho que ele é algo que representa à nossa história.*

Nessa direção Del Rio (1999) assume que a percepção é “subjetiva para cada indivíduo”. Porém defende que “existam recorrências comuns, tanto em relação às percepções e imagens, quanto a condutas”. Tuan (1983) lembra ainda que a percepção possa ser influenciada pela cultura e pelo fator social em que o indivíduo se encontra.

Santos (2000) afirma, que a cultura, assim como outros fatores presentes na sociedade, não somente é construída ativamente, como também seus significados são traduzidos através do cotidiano.

Quando questionadas sobre o valor atribuído, no passado, por elas ao “Rio Morto” (Quadro 3), com exceção da entrevistada 1, todas salientam que o rio, dentre outros valores, no passado, possuía valor predominantemente econômico.

Contudo, merece destaque a fala da E5 ao expressar além do saudosismo, a beleza do rio, a emoção ao lembrar-se dele no passado: *“... O rio faz parte da nossa história, valor cultural, o rio identifica a nossa comunidade... Então, assim, é lamentável o estado que ele está hoje, mas o rio tem toda uma história que faz parte da nossa história”*

Na fala da entrevistada 4, ela relata ainda a condição do rio como “bem natural” (E4) o faz dando ênfase à condição de utilidade desse rio: *“Primeiro que porque ele é um bem natural, ele é natural então ele está ali, ele quer viver, eu acho que não é por um acaso que a gente tem um rio aqui, não é um acaso, ele quer viver, ele quer dar alimentação pras pessoas, ele quer ser útil, então... As pessoas precisam entender isso...”*. Inclusive caracterizando o rio

como indivíduo de vontade própria e como um ente (sujeito), dotado de sentido: “*Ele quer viver...*”.

Contudo, também ressaltam o valor de ordem cultural, ambiental e social. Logo o rio no passado tinha valor.

| Entrevistado | Parâmetro 1 B | | | | | |
|--------------|-------------------------------------|-----------|--------|-----------|-----------|--------------|
| | Valores atribuídos ao Rio (Passado) | | | | | |
| | Cultural | Ambiental | Social | Econômico | Sem Valor | Não Menciona |
| 01 | | | | | | X |
| 02 | | | | X | | |
| 03 | X | X | X | X | | |
| 04 | X | X | X | X | | |
| 05 | X | X | X | X | | |

Quadro 3: Valores atribuídos ao rio (passado).

Fonte: Dados da Pesquisa.

REPRESENTAÇÃO DO AMBIENTE

O termo ambiente para este estudo, foi analisado (Quadro 4) segundo adaptação feita a partir da classificação de Sauvé (2005, 1996) e também empregado por Braga e Marcomin (2008); Fiori (2002); Sato (2001) onde foram consideradas quatro representa es de ambiente: Natureza a ser Preservada; Natureza e ambiente como Recurso; Problema Ambiental; Projeto Social.

Nessa dire ao, Sauvé (1996) associou também diferentes abordagens e estratégias pedagógicas às representa es que os indivíduos ou grupos sociais têm de ambiente e aos objetivos e características que atribuem ao trabalho em Educa o Ambiental.

Fiori (2002) enfatiza que se o ambiente   representado pela natureza que devemos apreciar e respeitar, as estratégias educacionais deverão incluir atividades de imersão na natureza como trilhas interpretativas, vivências no ambiente natural, entre outras. Se o ambiente   representado como um problema, a abordagem   de estudo de casos e resolu o de problemas. Se visto como um projeto comunitário com comprometimento, a abordagem será participativa.

No presente caso, um “mix” dessas diversas abordagens e estratégias poderia ser empregada em processos educativos na área ambiental, já que as representações dessas pessoas transitam pelas representações defendidas por Sauvé (2005, 1996).

Com base na representa o de Sauvé (2005, 1996), observou-se que predomina para todas as entrevistadas a percep o do rio como recurso (Quadro 4):

| Entrevistado (E) | Parâmetro 2 | | | |
|---------------------|--|---------|--------------------|----------------|
| | Representa o de Ambiente (Adapta o de Sauvé, 2005) | | | |
| | Natureza a ser Preservada | Recurso | Problema Ambiental | Projeto Social |
| 01 | | X | | |
| 02 | X | X | | |
| 03 | | X | | |
| 04 | | X | | |
| 05 | X | X | | |

Quadro 4: Representa o de Ambiente.

FONTE: Dados da Pesquisa

Conforme Sato (2004)   necessário conhecer as representa es dos indivíduos sobre o ambiente, uma vez que, a partir desta representa o,   que poderão ser determinadas as práticas pedagógicas.

Segundo a fala das entrevistadas 2 e 5 (Quadro 4), o ambiente do rio   um ambiente que precisa ser apreciado e preservado. Nesse ponto de vista, a natureza   reconhecida como o ambiente original, “puro” onde os seres humanos estão dissociados e no qual devem aprender a relacionar-se para enriquecer a qualidade de “ser” (SAUVÉ, 1996; SATO, 1997).

Taylor (1986), citado por Grün (2007, p. 57), afirma: se alguém cuida da natureza por afei o ou amor, isso não   respeito moral. Se alguém, por exemplo, cuida da natureza por gentileza para com ela, isso também não denota respeito moral, ou seja, os sentimentos são excluídos do biocentrismo de Paul Taylor. Ele vê o amor, a afei o e o cuidado como “inclina es” não racionais.

E2: Eu gosto dele. Eu acho, assim, ele muito importante até pra comunidade. A comunidade deveria preservar mais isso, parar de fazer isso, botar esgoto, eu acredito que esse rio tem muita importância para a comunidade, só que às vezes a comunidade não se d  conta disso.

E1: ... Porque tudo aquilo que traz benefício pra comunidade, os moradores normalmente

querem... Quem é que não gosta de estar na sua hora de folga, de lazer, observando o curso de um rio, já pensou uma boa pescaria, sair da minha casa e sentar na beira do rio com os meus filhos, ou quem sabe vou pensar um pouquinho mais, a escola, estar brincando com as crianças ali, porque hoje só o que se vê ali realmente é só água e muito esgoto solto direto.

O que é interessante perceber é a confusa percepção que se tem do ambiente do “Rio Morto”, já que as entrevistadas ora afirmam que o ambiente deve ser preservado, e ora salientam que este é um recurso a ser utilizado pela população humana.

E5:...Um dos meus objetivos é conscientizar essas crianças, é tentar resgatar o nosso rio, ou ao menos tentar não poluir tanto quanto já está. A gente trabalha muito tentando conscientizar os alunos da importância desse rio.

Embora a entrevistada 5 mencione o objetivo de conscientizar os alunos, atesta por meio de sua prática pedagógica que o rio somente é citado como um exemplo em suas aulas, logo, os processos reflexivos, nesse caso não são desencadeados.

Contudo, a E5 faz uma referência importante na relação de recurso e como natureza a ser preservada, com base na concepção de Sauvé (2005, 1996): “... *Eu vejo o rio como um recurso que t  pedindo socorro... Socorro...! Salve-me...! Eu ainda tenho vida...! Eu ainda tenho vida, mas eu preciso de ajuda, eu preciso de socorro...!*” (E5).

Segundo Santos (1967 apud PREZOTTO e CAVALHEIRO, 2004, p. 825) “A percepção implica em “crença” na realidade exterior e um sentimento de “objetividade”. Acompanha-se ainda um verdadeiro “juízo de exterioridade”.

A paisagem do rio e entorno, então, devem ser vistos como paisagem de compreensão, como sugere Carvalho, Grün, Avanzi (2009). Os caminhos da compreensão levam ao caminho de conhecer algo, alguém e a si mesmo.

“O jogo, a arte, a paisagem e o encontro social (com os outros humanos) remetem   aventura da compreensão e da autocompreensão que supõe um sujeito implicado na rela o de conhecimento, recusando a ideia cartesiana de um sujeito da razão, observador, situado em algum lugar fora do mundo” (CARVALHO, GRÜN, AVANZI, 2009, p. 101).

Diversas falas v o corroborando o pensamento do rio visto como recurso de cunho mais econômico.

E2: [...] o meu marido planta, então ele usava o rio pra fazer a planta o dele, quando eu casei, ele usava o rio pra irrigar a planta o.

E4: [...] Há poucos anos atrás, o rio ainda, a água era limpa, não usava pra beber, trazia do morro na época, eu lembro, mas pra cozinhar, pra lavar, dava pra utilizar naquela época.

E5: [...] porque um dia ele volte a ser essa fonte de renda, fonte de alimentação, ele tem tudo isso pra ser, basta à gente querer, então eu procuro trabalhar buscando isso.

No entanto, a E3 faz um interessante comentário acerca do rio, resgatando em sua memória a visão do passado, porém alerta para a dificuldade presente da inter-relação com o rio, tanto em função das suas condições ambientais - com água muito poluída por esgoto -, como em função das características das gerações atuais em se distanciarem dos recursos naturais face às mudanças de ordem tecnológica.

E3: Olha a gente vê, assim, as crianças em uma pobreza, poderia até sobreviver dali. Imagina, iria pescar, iria ter o incentivo, nós pescávamos de caniço que nós mesmos fazíamos em casa. Hoje não se vê, não vê as crianças pescarem, também vão pra onde pescar? A gente sentava na beira do rio e ali pescava, botava até banquinho de madeira na beira do rio e pescava. E hoje, uma que o rio não tem condições, em função do meio ambiente e eles também não estão preparados pra isso, muita tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o valor que as professoras participantes dessa pesquisa atribuem ao “Rio Morto” a entrevistada 1 afirma que, atualmente, não existe nenhum valor por ela atribuído ao rio, embora perceba valor emocional decorrente da relação que seu cônjuge tinha com o rio ao longo de sua infância. Para a entrevistada 2, o valor do rio se dá para toda a comunidade. Vai além do valor que ele tem para ela. A mesma o vê como valor para o coletivo.

Já a entrevistada 3 assume que o rio não possui valor, uma vez que não se pode mais utilizar dele. Apesar de ter nascido e se desenvolvido nas margens desse rio. Essa entrevistada retrata que ele não possui mais valor porque não pode mais ser utilizado, ou seja, o rio como um recurso do passado. O valor atribuído somente enquanto o rio pode ser empregado como recurso, reforça a visão antropocentrista e utilitarista abordada por Reigota (1995) e Tamaio (2002) respectivamente. A E4 também não atribui valor ao rio, porém, ao justificar sua visão

do mesmo retrata-o como problema (SAUVÉ, 1996). E a E5 retrata sobre o valor cultural do rio, pois salienta que ele é a identidade da comunidade.

Como para análise desse parâmetro foi analisado o valor atualmente empregado pelas professoras e o valor que um dia foi atribuído pode-se identificar que o valor se manteve apenas para duas das entrevistadas (E2 e E5). Uma vez que, quando são questionadas sobre o valor que um dia o rio possuiu, com exceção da entrevistada 1 que não menciona o valor atribuído a ele, as demais entrevistadas salientam que o rio, no passado, possuía valor predominantemente econômico. Isso fica claro no decorrer das entrevistas, quando salientam que o rio era utilizado para irrigação, alimentação, higiene, tarefas domésticas e agropastoris.

Quanto à representação do ambiente “Rio Morto”, as entrevistadas 2 e 5 consideram-no como um ambiente que precisa ser apreciado e preservado. Porém, ao mesmo tempo, salientam que este é um recurso (SAUVÉ, 2005, 1996) a ser utilizado pela população humana. Já as entrevistadas 1, 3 e 4 salientam que este ambiente é apenas um recurso a ser utilizado pelo homem. Cabe ressaltar que ao utilizar-se a representação do ambiente enquanto um recurso reconhece-se que este o é de fato.

Contudo é preciso que se alerte para o aspecto de que embora recurso, o ambiente precisa ser incorporado para além da concepção de uso; já que a partir dos recursos naturais o ser humano vive e sobrevive. Logo, é inegável a necessidade de formação de uma percepção integradora e antidicotômica da relação homem e ambiente, com vistas à sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Casos, 1984, 108 p.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. v. 2, n. 1, jan./jul. 2005, p. 68-80.

CARVALHO, I. C. M; GRÜN, M; AVANZI, M. R. **Paisagens da compreensão**: Contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da Educação Ambiental. In: CADERNOS DO CEDES/ CENTRO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO SOCIEDADE. v. 29, n. 77, 2009. São Paulo: Cortez, p. 99-115.

CORLETO, Fernando. **A microbacia do Passa Vinte, Palhoça - SC e o problema das inundações**. Florianópolis, 1998. Dissertação de Mestrado em Engenharia Sanitária e Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. Apresentação. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: EDUFSCAR, 1999 p. 3 a 22.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e Práticas**. 6 ed. São Paulo: Gaia, 2000. 551 p.

FERREIRA, A. B de H. **Dicionário Aurélio Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

GAUDIANO, E. G. **¿Cómo sacar del coma a la educación ambiental? La alfabetización: un posible recurso pedagógico-político**. Mimeo, 2002.

GONÇALVES, C. V. P. **A globalização da Natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GUIMARÃES, M. **A formação de Educadores Ambientais**. Papirus: Campinas, 2004, p. 174.

_____. Abordagem Relacional como forma de Ação. In: GUIMARÃES, MAURO (org). **Caminhos da Educação Ambiental: Da forma à ação**. Papirus: Campinas, 2006, p. 09 – 16.

_____. Educação Ambiental e a Gestão para a Sustentabilidade. In: Santos, J.E.; Sato, M.. (Org.). **Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. 1ª ed. São Carlos/SP: RIMA, 2001, v. 1, p. 183-195.

GRÜN, M. Educação Ambiental e ecofeminismo enquanto prática emancipatória. In: GUERRA, A. F. S; TAGLIEBER, J. E. (orgs.) **Educação Ambiental: Fundamentos, Práticas e Desafios**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

HART, P. Narrativa, conhecimento e metodologias emergentes na pesquisa em educação ambiental: questões de qualidade. In: GALIAZZI, Maria do Carmo & FREITAS, José V. (Orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí/RS:Unijuí, 2005. p. 15 - 61.

HAMMES, V. S. Percepção ambiental. In: HAMMES, V. S. **Proposta metodológica de Macroeducação**. v. 2. São Paulo: Globo, 2004, p. 128-130.

_____. Agir: percepção da gestão ambiental. In: HAMMES, V. S. **Proposta metodológica de Macroeducação**.v. 2. São Paulo: Globo, 2004, p. 160-163.

JACOBI, R. P.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I. G. C. **A Função social da educação Ambiental nas práticas colaborativas**: participação e engajamento. Caderno Cedes, Campinas, vol. 29, n 77, p. 63 – 79, jan./abr. 2009.

KRAMER, S.; & SOUZA, S. J. (Orgs.). **História de professores**: Leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 1996.

LEME, P. C. S.; SILVA, I. G. da; AVELINO, C. R. Resíduos Sólidos e a Escola. In: SCHIEL, D. et al. **O Estudo de Bacias Hidrográficas**: uma estratégia para a Educação Ambiental. São Carlos: RIMA, 2002, 2003, p. 73 – 78.

MARCOMIN, F. E; MENDONÇA, A. W; MAZZUCO, K. T. M. Educação Ambiental e o pensamento complexo: uma reflexão possível. In: BAGGIO, A; BARCELOS, V. **Educação Ambiental e complexidade**: entre pensamentos e ações. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008, 72-87.

MARIN, A. A.; OLIVEIRA, H. T.;COMAR, V. **A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção**. Interciência. v. 28, n. 10, out. 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTE-SERRAT, F. **Emoção, afeto e amor**: ingredientes do processo educativo. São Paulo: editora Academia de Inteligência, 2007.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M. C.; FREITAS, J. V. (orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: UNIJUI, 2005, p. 85 – 114.

MORALES, A. G. **A formação do profissional educador ambiental: reflexões, possibilidades e constatações**. Ponta Grossa: EUPG, 2009.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004, 152 p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAROTTI, P. S; SANTOS, J. E. Narrativas orais como subsídio para um Programa de Educação Ambiental direcionada a uma unidade de conservação. In: SANTOS, J. E; SATO, M. (org.) **A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2001, p. 197 – 224

MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

NEIMAN, Z. **O contato com a natureza como experiência significativa de vida**: análise de entrevistas com especialistas ligados ao Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=575&class=02>> Acesso em: 10/2008

NÓBREGA, T. P. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia, 2008, 13 (2), 141-148. Disponível em: <www.scielo.br/epsic>

PREFEITURA MUNICIPAL DE TUBARÃO, 2010. Disponível em: <www.tubarão.sc.gov.br>

PREZOTTO, A.; CAVALHEIRO, F., Percepção ambiental da Serra do Japi (Jundiá, SP). In: SANTOS, J. E. dos; CAVALHEIRO, J. S. R. P.; OLIVEIRA, C. H.; PIRES, A. M. Z. C. R., **Faces da polissemia da paisagem - ecologia, planejamento e percepção**. São Carlos: RiMa, 2004.

REIGOTA, M. **Verde cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro, DP&A: 2001.

_____. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

SÁ, L. M. Pertencimento. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (org.) **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 247 - 256.

SAMPAIO, D. M. **Educação e a reconexão do ser**: um caminho para a transformação humana e planetária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS, L. H. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, M. V. Estudos Culturais em educação: **mídia, arquitetura brinquedo, biologia, literatura, cinema ...** 2000, Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, p. 229-256.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: Rima, 2004, 66 p.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M. e CARVALHO, I.C.M. (orgs.) **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Environmental Education and Sustainable Development: A Further Appraisal**. In: Canadian Journal of Environmental Education, v. 1, n. 1, 1996, p.7-34.

TAMAIÓ, I. **O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental**. São Paulo: Annablumme: WWF, 2002.

TEIXEIRA, L. C. **Escrita autobiográfica e construção subjetiva**. USP, v.14, nº 1, p.37-64. São Paulo, 2003.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983, 250 p.